

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

Studia Mycenaea. Proceedings of the Mycenaean Symposium in Brno
— April 1966, ed. by ANTONÍN BARTONEK. Universita J. E. Purkyne,
Brno, 1968, 260 pp.

De 12 a 16 de Abril de 1966 realizou-se em Brno (Checoslováquia), na Faculdade de Letras da Universidade de J. E. Purkyne, o congresso internacional «A Antiguidade e o Presente». Uma parte deste congresso foi preenchida com um «Simpósio Micénico», efectuado nos dias 13 e 14, que reuniu estudiosos do campo socialista e dos países do Ocidente para um apuramento em comum dos progressos actuais da Micenologia. O presente volume, organizado pelo Prof. Bartonek da Universidade de Brno, reúne, além das várias comunicações apresentadas no simpósio, com exclusão da de Crossland, da Universidade de Sheffield, dois apêndices, dos quais o 1.º consiste na publicação dos resultados de um inquérito, dirigido a 17 especialistas do Micénico, sobre a classificação do Micénico na constelação dialectal da língua grega, e o 2.º constitui uma bibliografia muito completa dos trabalhos sobre o Micénico, publicados nos países do bloco socialista de 1953 a 1966. Releve-se o papel desempenhado no simpósio pelo grande especialista Chadwick, da Universidade de Cambridge, a quem coube traçar em breves palavras um comentário final aos trabalhos, em jeito de conclusão. Assinala o ilustre A. a grande variedade dos temas tratados, que vão da epigrafia ou paleografia à história da civilização, e o nível alcançado pelas numerosas comunicações. De importância especial se reveste a sua observação sobre a necessidade de os linguistas, em colaboração com os arqueólogos, explorarem os muitos textos decifrados no sentido de aprofundarem o conhecimento da civilização micénica.

A matéria do 1.º apêndice sobre a classificação dialectal do Micénico é objecto de uma síntese feita pelo Prof. Risch, da Universidade de Zurique. Nessas *Conclusões*, tiradas com muito equilíbrio e prudência, avulta o carácter problemático da matéria sobre que divergem profundamente as opiniões dos especialistas. Alguns pontos mais controversos: o problema das relações entre os dialectos gregos do 2.º milénio e os dialectos do 1.º milénio; a ambiguidade da palavra *κωνή* aplicada ao Micénico; o carácter hipotético do proto-Arcádico ou do proto-Cipriota, por vezes abusivamente identificados com o Micénico; a questão complexa das relações entre o Arcado-Cipriota, no Sul, e o Eólico, no Norte. Uma nota de particular interesse conclui este comentário: salienta Risch a conveniência da aplicação ao material linguístico existente dos processos da moderna investigação dialectológica, donde poderão resultar consequências importantes para o esclarecimento das relações dos vários dialectos gregos em época histórica.

M. O. P.

ALCMANE . STESICORO . IBICO, *Frammenti*. Prefazione e traduzione di FILIPPO MARIA PONTANI. Collezione di poesia: 54. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1968, 84 pp.

Depois dos monódicos¹, três poetas da lírica coral. Mais fácil, mais difícil? Para o artista-filólogo é sempre difícil. Sobretudo quando se trata de reproduzir vozes canoras, entrecortadas pelo gume do tempo. E cada uma com seu timbre distinto, a sua tempérie individual, pessoalíssima. Álcman associa uma potência de transfiguração librada nas asas do sonho e um concretismo sadio, gnómico, corposo: a solidão impérvia das furnas adormentadas, o claror argênteo das estrelas, das vestes e do vulto, o voo das alcíones sobre a flor da onda, o tropel dos corcéis sobre as nuvens do céu — e a atracção gulosa de vinhos e acepipes, a ciência cordata do vulgo bem fincado na crosta do planeta. Estesícoro é solene, e até severo (cf. as *graues Camenae* de Horácio, o epíteto *ferox* de Estácio), como convém a um *δημηκότατος*, mas nem por isso isento de frescura; Íbico, ao invés, todo um refluir de barroquismo e de paixão, ora impetuoso, ora lânguido, cativo da beleza e da mocidade irreversível. Vamos destingir em morte-cor paletas de tão discorde vibração?

A tentativa, para mais, tinha escassos precedentes em italiano: lembramos Romagnoli, Quasimodo, Valgimigli, mais recentemente Angelini e Arena. Quase todos, porém — salvo o primeiro e o último —, em reduzidas amostras. E que dizer de outros países? A messe seria ainda mais minguada.

Não faltavam motivos, por conseguinte, que estimulassem a sensibilidade e a finura crítica de Pontani. Uma tradução, como a presente, pode exigir muita canseira. Mas o resultado seria bem mesquinho, se Pontani, além de profundo conhecedor do grego e do italiano, não fosse, ao mesmo tempo, um verdadeiro esteta — capaz de fixar, para cada autor e para cada fragmento, o tom justo e a palavra exacta, a posição rítmica adequada, a *callida iunctura* que converte em timbre ressurrecto a banalidade de uma dicção ou de uma equivalência maquinais. Muitos exemplos se poderiam alegar em abono da admiração que a obra nos causou. Valha por todos este trecho do parteneu de Astimelusa (Álcman, frg. 3.61-72 Page), que acertadamente se colocou na capa da edição: «[...] il desiderio strema; ha l'occhio piú struggente / del sono e della morte, / lei non a caso dolce. / Astimelusa nulla mi risponde, / ma con la sua corona/pare una stella che tramuti loco / nella chiara del cielo,/pare un germoglio d'oro, / una morbida piuma... / [...] varca il suo passo lungo, / mentre l'umido incanto dei profumi / di Cínira / orna splendide chiome di fanciulle.» (pp. 19/21). Música e sortilégio foram trasladados: e nem uma só palavra do original foi omitida, falseada ou parafraseada. O resultado é surpreendente e cheio de encanto.

¹ Saffo. Alceo. Anacreonte, *Liriche e frammenti*. Prefazione e traduzione di Filippo Maria Pontani. Collezione di poesia: 14. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1965: recensão em «Humanitas», 17-18 (1965-1966), pp. 274-276.

Igual mestria se revela em outros fragmentos célebres: de Alcman, o parteneu de Hagesicora (frg. 1, pp. 15/17), a festa nos montes (56, pp. 27/29), o nocturno (89, p. 33), o «selo» do poeta (39, p. 39), o cérito (26, p. 41); de Estesícoro, Héracles e o Sol (185, p. 49), a festa nupcial (187, p. 49), a palinódia (192, p. 51), o incubo de Clitemnestra (219, p. 53); de Íbico, a primavera e o amor (286, p. 65), o cavalo cansado (287, p. 65), Eurialo (288, p. 67), os rouxinóis da alvorada (303, p. 67). Nem falta sequer em breves relíquias, de sabor popular: Alcman, frg. 15 *καὶ κῆρος ἐν κάλεσσι πολλοῖς ἡμενος μάκαρς ἀνὴρ* («Oh ché uomo beato! / Sta nelle grasce e beato si gode»: cf. Hesíquio *θαλέεσσι ... λιπαρίαις*) (p. 23), 77 *Δύσπαρις Αἰνόπαρις κακὸν Ἑλλάδι βωτιανείραι* «Paridaccio, Paridastro, / per la Grecia / madre d'eroi, disastro» (p. 37), 107 *Πολλαλέγων ὄνυμ' ἀνδρῖ, γυναικὶ δὲ Πασυχάρα* «L'uomo si chiama Chiacchera, Compiacenza la donna» (p. 41), 123 *μέγα γείτον γείτων* «casa che ha buon vicino / val piú qualche fiorino» (p. 43); Estesícoro, 245 *θανόντος ἀνδρός / πᾶσα † πολιά † ποτ' ἀνθρώπων χάρις* «quando si muore, sbianca / ogni favore umano» (p. 55); Íbico, 313 *ὄνι ἐστιν ἀποφθιμένους / ζῶας ἔτι φάρμακων εὐρεῖν* «i morti non trovano piú / medicina di vita» (p. 73).

Um filólogo exigente como Pontani não pode, por isso mesmo, autorizar certas banalizações do original que já censurámos na sua versão de Safo, Alceu e Anacreonte, e de que, na presente, só encontrámos três exemplos: p. 15 *ᾠοθήϊαι* (*ορθῆραι* pap.) «alla *Dea*», p. 17 *ᾠόντι* «alla *Dea*», p. 55 *ᾠίδας ἔλαχε* «tocca al *dio della Morte*». Nenhuma consideração rítmica ou estética justifica suficientemente — para uma tradução deste nível — a transigência com substituições empobrecedoras. Quando se superaram barrocas e silvados, não faz sentido tropeçar em seixos pulverulentos².

Alguns dos títulos postos aos fragmentos são pouco felizes: citamos a p. 27 *Baccante* (quando não é seguro que se trate de um rito dionisíaco, e a lição *Ἀργειφόνται*³, defendida por Den Boer e adoptada por Page, ganhou novo favor)

² Outros dissentimentos, de menor importância: p. 41 *ὄδ' ἔτι... / γυνῆ φέρην δύνεται* «io non mi reggo piú» (teria sido preferível respeitar a construção do original), p. 53 *λιπεάνορας* «fuggitive» (esperar-se-ia uma palavra mais enérgica). Porque omitiu, na p. 15, a tradução de *δραμήται*, na p. 21 a de *ἄσων... αἶψα* e, na p. 57, a de *νόμφα*? — Mais difícil seria pôr objecções à interpretação de *τῶν ὑποπετριδίων ὀνειρώων* por «forma / dei sogni rupestri» (p. 51), que é a do escoliasta do papiro, com explícita referência a *ω* 11-13: mas — como observa Del Grande (*Φόρμιγξ*, Napoli, 21962, pp. 86-87 — «no texto homérico não se diz que o povo dos sonhos (*δῆμον ὀνειρώων*) esteja sob a Pedra Branca (*Λευκάδα πέτρα*)»: a aproximação foi talvez etiológica — para explicar da maneira mais chã, mas também mais banal, a dicção alcmanica». Continuamos, nesta *uexata quaestio*, a preferir a explicação do *Etymologicum Magnum* (*ὑποπετριδίων*, metátese de *ὑποπετριδίων*; cf., de resto, *λ* 207-208), que se louva em uma autoridade como Herodiano (2.237 Lenz); e a lamentar que várias incertezas do parteneu nos impeçam de recordar, entre os objectos encontrados nas escavações do santuário de Ártemis Órtia, a tabuinha de marfim com quatro cavalos alados...

³ Pontani utiliza a correcção *ἀργύφρον τε*, que já vem nas edições aldina e casaubonense de Ateneu. — À parte este caso, não mencionaremos outras discor-

e a p. 29 *Il patreterno* (frg. 106 *Φείπατέ μοι τάδε φῶλα βροσθήσια* «ditelo a me, parlate, umane genti»: Pontani ironiza, como a fonte, Aristides, 28.54; mas quem nos garante que as palavras não são de um deus?). Também não concordamos com a supressão do texto e tradução dos vv. 36-39 (deste, metade) do parteneu de Hagesicora, que, no seu gnómico pesadume, estabeleceriam até um expressivo contraste com a delicadeza das notações descritivas ou alusivas que vão suceder-se; nem com a utilização dos frgs. 120 (p. 27 *Atena e il Gigante*), 92 (p. 31 *Vini*) e 79 (p. 37 *Tantalo*) de Alcman, que, na realidade, apresentam corrupções praticamente insanáveis.

À revisão, muito atenta, escapou um reduzido número de lapsos (quase todos «aticismos»... toleráveis em um texto que não pode ser «normalizado»): ler p. 20 *παῖδα*, p. 22 *Φημένα*, p. 24 *παῖδες*, p. 28 *Φείπατε*, p. 32 *κλίνας, τραπέσδαι*, p. 38 *παντῶν*, p. 40 *ποτήται*, p. 56 *χθ[ό]να*, p. 62 *Μοίσαι, ἐμβαίεν, φώτες, Ἀχα[ι]ῶν*.

Uma selecção dos elegíacos, ou de Simónides, poderia ser a próxima (desejável) colaboração de Pontani para a «Collezione di poesia» do editor Einaudi. Salvo se o filólogo preferir uma antologia do epigrama helenístico (Ánita, Nóssis, Asclepiades, Hédilo, Leónidas, Calímaco, Meléagro) ou dos Idílios de Teócrito, poeta que, entre alexandrinos, justamente merece o seu maior afecto...⁴

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

PLATONE, *Epinomis*. Introduzione, testo critico e commento a cura di OTTORINO SPECCHIA. Quaderni di «Cultura e Scuola»: I. Firenze, Felice Le Monnier, 1967, 244 pp.

Preenche a maior parte da introdução deste livro (pp. 9-29) o problema da autenticidade da *Epinomis*, um diálogo que pelo nome, conteúdo e personagens se credencia como um apêndice das *Leis* platónicas. Specchia historia o desenvolvimento da questão, mais acesa a partir de 1928, e analisa os argumentos pró e contra que foram invocados, para lhes acrescentar, depois, as suas próprias reflexões. «Nunca um discípulo ousaria — conclui o investigador (p. 29) — atribuir ao Mestre a responsabilidade de afirmações novas em um campo tão delicado como era o da religião entre os antigos: teria, além do mais, atraído o espírito daquela *sancta Philia* em cuja honra um deles erigira um altar. Os partidários da atetese parecem ter subestimado uma observação de A. E. Taylor: a *Epinomis* circulou, após a morte de Platão, entre os discípulos, na forma provisória em que saíra da pena do seu autor,

dâncias do texto de Pontani com a edição de Alcman, Estesícoro e Íbico nos *Poetae melici Graeci* de Page (Oxford, 1962).

⁴ Significativa, decerto, a calorosa apreciação que se lê na sua *Letteratura greca*, III (Firenze, 1956), pp. 102-116.